

COMPREENDENDO E REFLETINDO O BULLYING NO AMBIENTE DE ENSINO

Luciana Soares Abraão¹

Andressa Rocha Mauro¹

Cintia Fernanda Marques¹

Maurílio Antônio Valemtime¹

Mirella da Silva Rodrigues¹

Verônica Pinho Rodrigues da Silva Afonso¹

Leandra Jacinto Pereira²

tutoraleandra@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho tem como assunto o *bullying* no contexto educacional entre os alunos. A pesquisa tem como objetivos principais a reflexão e a análise sobre os aspectos que envolvem este tipo de violência. De forma geral, o artigo almeja identificar o perfil dos agressores e das vítimas, os participantes nesta agressão, os motivos que podem originar o *bullying*, as características e os tipos de violências cometidas. E, de maneira específica, busca refletir sobre como as instituições podem se posicionar para combater o *bullying*. Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, por buscar interpretação e compreensão do tema abordado e que se enquadra na modalidade bibliográfica, por se tratar de uma metodologia de pesquisa sobre produções referentes ao tema escolhido. Como referencial teórico esse trabalho faz diálogo com pesquisas de Cleo Fante (2012), Ana Beatriz Barbosa Silva (2015) e outros. A coleta de dados foi realizada em plataforma *on-line*, através de leituras e buscas sobre o assunto abordado, durante o primeiro semestre do ano de 2019.

Palavras chave: *bullying*; desequilíbrio de poder; vítimas; agressores.

Introdução

Esta pesquisa aborda o tema “reflexões sobre possibilidades de prevenção e intervenção ao *bullying*”, utilizando como metodologia a investigação de pesquisas realizadas sobre o referente tema. O objetivo é pensar o *bullying* como uma ameaça ao bem-estar e ao desenvolvimento pleno do indivíduo, pois, como aponta Fante (2012, p.10) o *bullying* “[...] tem um poder destrutivo capaz de promover danos psicológicos incalculáveis e irreparáveis às suas vítimas”.

A violência é um problema social que não deveria existir, principalmente em espaços educacionais que têm comprometimento com a formação de cidadãos. Com o objetivo de garantir uma educação de qualidade, todas as instituições de ensino deveriam se comprometer na solução de qualquer problema que intervisse na conclusão deste propósito. Silva (2015 p. 122) diz que “Além de apresentar qualidade de ensino, a boa escola não é aquela onde o *bullying* necessariamente não ocorre,

¹ Acadêmicos do curso de Licenciatura em Pedagogia – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ – Rio de Janeiro

² Mestre em Educação- Universidade Federal do Rio de Janeiro- UNIRIO- Rio de Janeiro

mas sim aquela que quando ele existe, sabe enfrentá-lo com coragem e determinação”.

Identificado o *bullying*, toda a escola precisa agir com urgência, se intensificando na busca de informações e conhecimentos para uma melhor compreensão do problema, demonstrando apoio e disponibilidade para ajudar os envolvidos.

Assim, o presente artigo busca analisar e refletir sobre o *bullying* e o comportamento das instituições e identificar o perfil dos envolvidos.

Desenvolvimento

Bullying é uma palavra de origem inglesa, sendo que, a palavra *Bully* é traduzida como valentão e tirano, portanto, pode-se dizer que seria o mesmo de violentar, amedrontar e causar sofrimento. São sempre atuações repetitivas, agressivas e com uma grande característica: atos com desequilíbrio de poder. Fante (2005) diz que o desequilíbrio de poder se dá de várias maneiras, por a vítima ser menor em estatura e força física que o agressor, por estar em minoria, por não apresentar habilidade de defesa e pouca flexibilidade psicológica perante o agressor.

No ambiente de ensino há atos corriqueiros que não passam de gozações normais, porém, o que não pode ocorrer são atitudes que tragam sofrimento a algum envolvido na suposta brincadeira. Desde a infância, é preciso educar, através da família e comunidade, sobre a não aceitação, a repulsa e a negação de qualquer ato violento que fira, não só de forma física, mas também no aspecto moral, psicológico e emocional. O sentir é particular, porém, há um limite entre entretenimento e desrespeito que precisa ser acatado por todos para que haja um convívio harmônico dentro de determinado grupo social, assim, é preciso consciência e sensibilidade para enxergar o outro dentro de suas particularidades e respeitá-lo. Atribuído por muitas pessoas a autoria da famosa frase ao filósofo inglês Herbert Spencer, que diz: “A liberdade de cada um termina onde começa a liberdade do outro”. Essa frase traz a reflexão sobre o respeito, a liberdade, os direitos e a empatia. Para Silva:

A palavra *bullying* até pouco tempo atrás era pouco conhecida do grande público. De origem inglesa, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. Entre esses comportamentos, podemos destacar agressões, assédios e ações desrespeitosas realizados de maneira recorrente e intencional por parte de agressores. É fundamental

explicitar que as atitudes tomadas por um ou mais agressores contra um ou alguns estudantes geralmente não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Isso significa dizer que, de forma quase “natural”, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas. E isso invariavelmente produz, alimenta e até perpetua muita dor e sofrimento nos vitimados. (SILVA, 2015, p.19)

Observa-se através de suas características que o *bullying* é um ato de covardia, principalmente quando citada a desigualdade de poder, assim, atitudes como esta precisam ser repreendidas imediatamente para que não haja maior sofrimento por parte dos envolvidos.

Os protagonistas do *bullying* escolar devem ser identificados para que a comunidade escolar, família, ou profissionais possam contribuir para banir esse problema e amenizar suas consequências nas vítimas. Eles são os agressores, as vítimas e os espectadores.

No caso das vítimas, o perfil dessa personagem nesse drama real é a fragilidade, a baixa autoestima, geralmente são pouco sociáveis, são tímidos, reservados, podem apresentar características que os destacam da maioria, como uso de aparelho dental, óculos, ser magro, gordo, baixo ou alto demais, traços físicos, crenças e orientação sexual diferentes. Os motivos são inacreditáveis, porém suficientes para se tornarem pretextos para o *bullying*. Silva (2010, p. 38) diz que “... qualquer coisa que fuja ao padrão imposto por um determinado grupo pode deflagrar o processo de escolha da vítima do *bullying*. Os motivos (sempre injustificáveis) são os mais banais possíveis.”

Normalmente, essas crianças ou adolescentes estampam facilmente as suas inseguranças na forma de extrema sensibilidade, passividade, submissão, falta de coordenação motora, baixa autoestima, ansiedade excessiva e dificuldades para se expressar. Por apresentarem dificuldades significativas de se impor ao grupo, tanto física quanto verbalmente, tornam-se alvos fáceis e comuns dos ofensores. (SILVA, 2015, p.36)

Ainda segundo Silva (2015), as vítimas podem ser classificadas em dois tipos: vítimas provocadoras, que provocam reações agressivas dos colegas e não conseguem se defender e vítimas agressoras, que reproduzem os maus tratos que sofrem em outra criança ainda mais frágil que ela, descontando suas mágoas e frustrações.

Já os agressores, nessa trama, claramente possuem poder sobre os outros afirmado por força física ou forte influência psicológica.

Os pais ou responsáveis exercem supervisão deficitária e oferecem comportamentos agressivos ou violentos como modelos para solucionar os conflitos. O agressor, normalmente, se apresenta mais forte do que seus companheiros de classe e que suas vítimas em particular; pode ter a mesma idade ou ser um pouco mais velho do que suas vítimas; pode ser fisicamente superior nas brincadeiras, no esporte e nas brigas, sobretudo no caso de meninos. É mau caráter, impulsivo, irrita-se facilmente e tem baixa resistência às frustrações. Custa a se adaptar às normas; não aceita ser contrariado, não tolera os atrasos e pode tentar se beneficiar de artimanhas na hora das avaliações. É considerado malvado, duro e mostra pouca simpatia para com suas vítimas. Adora condutas antissociais, incluindo o roubo, o vandalismo e o uso de álcool, além de se sentir atraído pelas más companhias (FANTE, 2005, p. 73).

O agressor, então, é entendido como alguém que, na maioria das vezes, reproduz os males já vividos e aprendidos em determinado momento da vida e que, assim, acaba oprimindo alguém por não saber lidar com a opressão experimentada por ele. A relação de desigualdade de poder se faz necessária para que a dominação seja imposta, sem que haja oportunidade de defesa por parte da vítima.

O espectador nesse enredo, não sofre o *bullying* nem o pratica, ele é representado pela maioria dos alunos e estes podem se silenciar com medo de se tornarem as próximas vítimas, porém, muitas vezes ficam intensamente afetados por testemunharem esses atos de violência. Assim, temos um grupo de sujeitos afetados pelo *bullying* que também precisará de auxílio, (FANTE, 2012, p.74) diz: “Alguns espectadores reagem negativamente, uma vez que seu direito de aprender em um ambiente seguro e solidário foi violado, o que pode influenciar sua capacidade e progresso acadêmico e social”.

Nesse contexto de *bullying*, qualquer mudança que ocorra no comportamento deve ser notada para que sejam tomadas providências a respeito dos atos. As vítimas dificilmente expõem de forma espontânea sobre estar sofrendo, por medo das ameaças dos agressores ou vergonha de não conseguirem lidar e resolverem sozinhas esses conflitos. Ainda, (FANTE, 2015, p.77) lista os sinais que podem ser notados: as vítimas apresentam, com frequência, dores de cabeça e estômago, falta de apetite, tonturas, oscilações de humor, irritações, desleixo nas atividades, depressão, tristeza, aflição aparente, hematomas, roupas sujas ou rasgadas, materiais danificados e possui poucos ou nenhum amigo. Já os agressores tendem a

ter uma postura de superioridade e hostilidade, são sempre desafiadores, agressivos, autoritários, possuem objetos e dinheiro sem explicação de sua origem.

Silva (2015, p. 21 a 23) classifica os tipos de agressões presentes nesse contexto que podem contribuir para evasão e exclusão social dos alunos:

Verbal: afrontar, injuriar, piadas ofensivas, colocar apelidos maliciosos, promover confusão.

Físico e Material: ferir, furtar, roubar ou causar a destruição de bens.

Psicológico e Moral: estressar, humilhar, ridicularizar, isolar, ignorar, rejeitar discriminar, aterrorizar, ameaçar, chantagear, intimidar, perseguir, difamar, provocar intrigas.

Sexual: assediar, abusar ou insinuar qualquer tipo de gesto com conotação sexual.

Virtual: (*Cyberbullying*) se utilizam aparelhos capazes de disseminar com rapidez as maledicências através da internet com intuito de maltratar as vítimas se beneficiando do anonimato.

Há também frequentemente nos dias atuais o que chamamos de *sexting*, que é o *bullying* virtual, onde o agressor compartilha fotos, vídeos ou mensagens de cunho erótico sem autorização da vítima, o que pode causar intensos traumas ao exposto e muitas vezes atitudes hostis por parte da sociedade com a vítima.

Todos os envolvidos no *bullying* sejam eles vítimas, agressores ou espectadores, sofrem consequências, porém as vítimas, em especial, são as partes que mais sofrem. Essas experiências podem traumatizar profundamente uma pessoa e ela poderá precisar de ajuda profissional para superar ainda os efeitos nocivos dos atos de *bullying*. Sintomas psicossomáticos, transtornos do pânico, fobia escolar, fobia social, timidez excessiva, transtorno de ansiedade generalizada, depressão, anorexia e bulimia, transtorno obsessivo-compulsivo, transtorno de estresse pós-traumático, e algumas outras consequências menos frequentes como esquizofrenia, suicídio e homicídio, foram apontadas por Silva (2015).

Os transtornos apontados como possíveis consequências do *bullying* podem ter também uma contribuição genética, porém, esses problemas, até então adormecidos podem ser despertados devido a um ambiente propício ao desenvolvimento dessas complicações a depender da fragilidade do indivíduo. Uma pessoa histérica, poderá não apresentar estresse, se não estiver num ambiente facilitador a essa característica que estimule essas emoções. Uma pessoa com

tendência a depressão pode não desenvolver a doença se o ambiente em que ela está inserida, o meio em que ela vive, não contribua para isso.

Consciente de todo esse risco de problemas ao qual estão suscetíveis os indivíduos que sofrem de *bullying*, é necessário intervir de alguma forma para erradicar atitudes que fazem tanto mal ao próximo. Sendo profissional da instituição, família, qualquer outro papel social ou simplesmente como ser humano, é necessário que se comprometa com o bem estar da comunidade e de seus membros. Há gerações tentando promover, apesar de tantas influências negativas, bons valores, virtudes, ética e empatia, pois a contribuição para um mundo melhor é responsabilidade de todos os indivíduos.

Brincadeiras e chacotas são naturais em determinados grupos sociais, porém essas “inocentes brincadeiras” não devem diminuir ou causar qualquer tipo de sofrimento ao outro, afinal, engraçado é quando todos se divertem, pois, quando uma “brincadeirinha” é capaz de constranger e/ou desqualificar, passa a ser desrespeito. A empatia é necessária para que se possam evitar atitudes violentas, sendo física, verbal ou qualquer outra maneira que traga algum ato que cause um sentimento negativo num indivíduo.

Uma famosa frase atribuída à Aisha Mohammadzai, diz: “Educar não é cortar as asas, mas orientar o voo.” Educar não é modular uma pessoa e sim contribuir com sua formação para que ela por consciência própria, possa fazer escolhas com bom senso, empatia, responsabilidade, autonomia, criticidade, solidária e que tenha conhecimento de seus deveres e direitos.

Apesar de vários aspectos contribuírem para a formação de um sujeito, e que a instituição não tem como controlar todos os fatores que venham agregar como formação aos seus alunos, ela tem responsabilidade sobre o que acontece com eles. Ela precisa conhecer o seu alunado, a realidade presente, o contexto social em que estão inseridos e ter responsabilidade sobre os problemas que nela ocorrem, intervindo e trabalhando para garantir o pleno funcionamento da educação. Fante (2012) diz que a educação é o caminho que conduz à paz e que a solidariedade, a tolerância e o amor são os ingredientes que integram o antídoto contra a violência e que devem ser aplicados no coração de todas as crianças, adolescentes, jovens e em todos os seres humanos, em especial no coração dos que se dedicam à arte de educar. São muitos os motivos que podem levar ao *bullying* e a sociedade precisa estar preparada para desenvolver estratégias com o intuito de evitar esses atos. Sobre

a responsabilidade da instituição de ensino, Fante (2012) diz:

Conhecer a realidade da escola _ conscientização _ e assumir o compromisso de intervir nos problemas _ comprometimento _ são os dois passos decisivos para começar a abordar a questão da violência em uma escola: primeiro, portanto, a conscientização, e segundo, o compromisso. O envolvimento de todo o pessoal da escola, dos familiares e da comunidade em que a escola está inserida é essencial para a obtenção de resultados positivos. Todos devem reconhecer que a responsabilidade de controlar, dentro do possível, o que se passa entre as crianças e os jovens em uma escola também é sua. Uma forma de exercer essa responsabilidade é o compromisso e a ação. (FANTE, 2012, p. 97)

Fante (2012) recomenda à família, por meio de opiniões comuns de especialistas, que é preciso elevar a autoestima dos seus filhos falando de suas qualidades e capacidades, não os incentivar a revidar qualquer tipo de violência e não culpabilizá-los por esses atos. Continua dizendo que os pais que mimam contribuem para as suas dificuldades de adaptação e no seguimento de regras básicas de convivência em grupo. É preciso estar atento a qualquer sinal de mudança de comportamento, pois o *bullying* é um tipo de violência que carrega certo ocultismo, pois, as vítimas intimidadas não expõem seus sentimentos.

As entidades educacionais precisam trabalhar de uma forma intensa no combate a essas práticas, juntamente com a família e profissionais adequados, que precisam estar dispostos com essa missão. As instituições de ensino precisam investir na conscientização do *bullying*, sobre suas consequências e esclarecimentos para uma melhor identificação do ato e envolvidos, proteger e apoiar as vítimas e estabelecer regras para evitar problemas.

Se a maioria das agressões ocorre no território escolar, especialmente nas salas de aula, de certa forma, os professores e as demais autoridades da instituição educacional estão falhando na identificação do problema. Isso pode ocorrer por desconhecimento ou até mesmo por negação do fenômeno. (SILVA, 2015, p.120)

O professor possui um papel social de muita relevância na formação dos alunos e o *bullying*, infelizmente, está presente dentro das instituições, então, este é um problema que acarreta todas as fases de ensino, sendo da Educação Infantil ao Ensino Superior. Observar, identificar, avaliar estratégias e buscar soluções para o

problema. A instituição consciente deste malefício para o desenvolvimento pleno dos discentes precisa lutar contra essas atitudes violentas.

Diante dos prejuízos que pode haver numa pessoa que sofre ou sofreu *bullying*, é preciso abrir os olhos para essa prática totalmente maléfica para o desenvolvimento das capacidades do aluno e trabalhar para a erradicação deste mal. É preciso um comprometimento da família e toda a comunidade educacional para garantir bem-estar ao aluno, protegê-lo e apoiá-lo nos momentos em que precisar. É essencial que os professores pesquisem sobre o assunto, saibam identificar os personagens do *bullying* para pensar em soluções. A ajuda de um psicólogo para um trabalho de investigação do *bullying*, de melhor compreensão dos transtornos causados aos envolvidos é fundamental, atuando também em possíveis traumas, auxiliando os agressores, vítimas e espectadores de acordo com suas necessidades específicas. Um trabalho intenso de conscientização pode inibir essas ações e evitar um dos grandes problemas que ocorrem que é a evasão da vítima, a desistência de frequentar às aulas por desenvolver fobia escolar por conta dessas torturas. Assim, entende-se que a instituição é responsável por zelar e acolher seus alunos da melhor forma para que se sintam aptos a frequentarem as instituições educacionais e possam adquirir os conhecimentos necessários.

Considerações finais

É necessário conhecimento e observação para distinguir as brincadeiras corriqueiras do *bullying* e se realmente for constatado que alguém sofre com essas “brincadeiras”, algo deve ser feito. A instituição de ensino tem um compromisso social, sendo necessário o desenvolvimento de projetos e planos para superação de situações-problemas. Ações de prevenção e combate nos casos de violência devem ser criadas, apesar de ser muito difícil erradicar totalmente, os esforços devem ser constantes. Além do estímulo ao diálogo é importante investir numa relação empática e afetiva entre alunos e professores/ gestores e se torna indispensável a participação da família nessa missão. Os alunos precisam ter limites bem definidos desde cedo pela família, orientados por regras e estimulados a refletir sobre se colocar no lugar do outro. Família e professores podem ter mais sucesso se trabalharem juntos para a formação de adultos éticos e solidários. Nos dias de hoje, uma formação continuada em *bullying* é indispensável para qualquer professor ou atuante na educação e, ainda,

precisamos incluir ajuda de outros profissionais, como psicólogos que podem auxiliar muito às instituições diante dos casos. Em atividades educativas, os professores podem incentivar os alunos a se expressarem, procurando saber como eles se sentem, atentando-se às suas rotinas de estudo e nas relações entre eles.

O *bullying* interfere de maneira devastadora na aprendizagem, na vida escolar e na socialização, sendo que, muitas vezes, as consequências dele perduram mesmo após o fim das violências e podem ser sentidos por toda a vida. Alguns desenvolvem transtornos, depressão, insegurança, baixa autoestima, ansiedade, e nos casos mais graves, pode ocorrer o suicídio. Fante (2018) diz que já está mais do que na hora de todos tomarem consciência do combate ao *bullying*, pois, somente assim poderemos criar políticas públicas capazes de prevenir e/ou minimizar os efeitos do *bullying*.

Vítimas, agressores ou espectadores, todos precisam de uma atenção especial de acordo com o papel que representam. Cada um deve ser tratado de forma a solucionar este problema. As vítimas precisam de atenção e acompanhamento para superação de traumas, agressores precisam de um tratamento para descobrir a origem e os motivos que o fazem agredir pessoas para que a solução possa ser encontrada. Não menos importante, os espectadores também precisam de muita atenção, pois podem carregar culpa por não conseguirem, por exemplo, reagir ao ver um amigo sendo vítima de *bullying* e, o ambiente hostil, mesmo não estando no papel de vítima ou agressor, é totalmente maléfico para o processo de ensino-aprendizagem.

Para quem já foi vítima, é preciso superar, ver o mundo por um ângulo diferente, não desistir e não deixar de seguir em frente. Há acontecimentos que nunca são esquecidos e é preciso força para vencer cada marca deixada pelo *bullying*. E, ainda, para os que foram espectadores que carregaram culpas, absolvam-se, nem sempre é possível fazer o que se tem vontade, mas há superação para quem luta, passando de espectadores para atuantes.

A boa convivência, a tolerância, o respeito, a solidariedade, são valores difíceis de serem “ensinados” nas escolas, tanto quanto fazer desaprender a prática de violência, porém a determinação e a perseverança podem ajudar na formação de pessoas mais justas, para um mundo mais justo. De acordo com Silva (2009) é fundamental compreender que a ação educativa é complexa e depende de vários fatores, como os aspectos culturais e sociais. Professores ou não, todos precisam

servir como exemplo de bons cidadãos, apostando sempre no amor, no afeto e na empatia para uma educação de qualidade.

Referências

FANTE, C. Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Editora Verus, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FANTE, Cléo; PRUDENTE, Neemias Moretti. **Bullying em debate**. Editora Paulinas, 2018.

FREIRE, Alane Novais et al. **A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying**. 2012.

MEOTTI, Juliane; PERÍCOLI, Marcelo. A POSTURA DO PROFESSOR DIANTE DO BULLYING EM SALA DE AULA. **Revista Panorâmica online**, América do Norte, 15, dec. 2013. Disponível em: <http://oca.ufmt.br/revista/index.php/revistapanoramica/article/view/518/155>. Acesso em: 10 jun. 2019.

OLIVEIRA, Willer Carlos de. O papel do professor diante do bullying na sala de aula. 2012.

PAVAN, Luciana. **O papel do professor diante do bullying em sala de aula**. Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2007.

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. **Bullying** e suas implicações no ambiente escolar. São Paulo: Paulus, 2014.

ROLIM, Marcos. "**Bullying**": o pesadelo da escola, um estudo de caso e notas sobre o que fazer. 2008.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Globo Livros, 2009.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. 2. ed.-Rio de Janeiro: Principium, 2015.